

INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS VISUAIS COMO DISPOSITIVO DE GENTRIFICAÇÃO NA LÓGICA DO PLANEJAMENTO URBANO CULTURALIZADO

Bianca Siqueira Martins Domingos, Fabiana Felix do Amaral e Silva, Valéria Regina Zanetti.

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, biancasiqueira.m@gmail.com, fabiana.amaral@gmail.com, valzanetti.zanetti@gmail.com.

Resumo - Este ensaio aborda questões centradas no processo de gentrificação de espaços urbanos cujos elementos gentrificadores são as intervenções artísticas urbanas (ou *street art*) como o *graffiti*, pôsteres, estêncil, mosaicos, instalações, serigrafia e outras intervenções constantemente apropriadas como estratégia pelo Planejamento Urbano Culturalizado, à luz da noção de dispositivo, segundo abordagem de Foucault, que considera a função estratégica concreta das intervenções artísticas em projetos atrelados ao planejamento urbano circunscritos em relações de poder.

Palavras-chave: Dispositivo, Gentrificação, Intervenções Artísticas Urbanas Visuais, Planejamento Urbano Culturalizado.

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas.

Intervenções Artísticas Urbanas Visuais como Dispositivo

Dentre os muitos mecanismos de subjetivação em espaços urbanos, as intervenções artísticas visuais urbanas se destacam na paisagem construída por meio de traços, cores, mensagens e ilustrações expressas pelo *graffiti*, pichação, estêncil, projeções de vídeos ou imagens, colagens (lambe-lambe ou adesivos), *bomb* (*graffiti* rápido) e/ou *grapixo* (híbrido das duas técnicas) (FILARDO, 2015).

As intervenções urbanas visuais possuem uma intrínseca vinculação com as ideias e narrativas de espontaneidade, liberdade, expressividade artística e de um clamor pelo direito à cidade na dimensão cultural. Em espaços urbanos que privilegiam cada vez mais a troca em detrimento do uso, a cooptação das narrativas de intervenções pelos interesses capitalistas “desempenham um papel essencial como agentes da dialética entre mercado e lugar” (ZUKIN, 2000, p. 85). Jasmine Ulmer (2017, p. 1 e 4) ressalta que:

as artes estão no centro de sofisticados discursos visuais sobre neoliberalismo, democracia e a batalha pelo espaço público”, e este espaço público “abriga um atrito visível entre a arte de rua e a política urbana neoliberal, uma vez que a arte de rua visa produzir evidências de democracia que as políticas neoliberais buscam apagar.

Wendy Brown (2018, p. 30) relembra que Michel Foucault, em seu curso no *Collège de France* entre os anos 1978-79, “ênfatisou a significância do neoliberalismo como uma nova racionalidade política, cujo alcance e implicações

vão muito além da política econômica e do fortalecimento do capital”, desvelando a capilaridade do neoliberalismo que se estende às intervenções artísticas urbanas.

Neste sentido, abordar as intervenções artísticas urbanas pela noção de dispositivo, “um termo técnico decisivo na estratégia do pensamento” de Foucault (AGAMBEN, 2005, p. 9), implica em considerarmos a função estratégica concreta que as intervenções artísticas visuais possuem em projetos atrelados ao planejamento urbano e como se inscrevem em relações de poder. Giorgio Agamben (2005, p. 11), a partir de uma abordagem historicizada, destaca que dispositivo se refere à “disposição de uma série de práticas e de mecanismos com o objetivo de fazer frente a uma urgência e de obter um efeito”.

Thomas Lemke (2018, p. 33) ressalta que Foucault, dos anos 1970 em diante, passou a “utilizar cada vez mais o termo em francês *dispositif* em suas obras, desempenhando um papel crucial em ‘Vigiar e Punir’, em ‘A vontade de saber’ e nas aulas no *Collège de France*”. “Decididamente heterogêneo”, os dispositivos englobam “discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 1979, p. 244).

Desta forma, as intervenções artísticas visuais se caracterizam como dispositivo ao englobar discursos que compõem programas urbanos institucionais, ao serem apropriadas como elemento que permite justificar e mascarar determinadas práticas (gentrificação) e ao figurar como uma das peças centrais em jogos engendrados em projetos de planejamento urbano. Devido à fluidez conceitual e por não possuir um enraizamento ideológico, a noção de dispositivo pode ser apropriada para diversos fins e racionalidades estratégicas, ou para “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (AGAMBEN, 2005, p. 11). A produtividade tática das intervenções artísticas urbanas visuais como dispositivo está na versatilidade e abertura a apropriações e usos com finalidades totalmente opostas (Figuras 1 a e b).

Figuras 1 – (a) Pichação em protesto contra o assassinato de um jovem no Campo dos Alemães, periferia de São José dos Campos em 2020 (SP); (b) *graffiti* e pichação em um espaço comercial situado em área nobre de São José dos Campos em 2021 (SP)



(a)

(b)

Fonte: As autoras, 2021.

As Figuras 1 (a) e (b) demonstram a versatilidade e abertura a apropriações e usos totalmente opostos que este dispositivo permite, integrando estrategicamente muitas vezes os mesmos artistas urbanos no desenvolvimento de intervenções ora com viés periférico, ora com viés de discurso capitalista em espaços enobrecidos da cidade.

Planejamento Urbano Culturalizado e Gentrificação

O Planejamento Urbano lança mão de uma série de dispositivos como estratégia de fazer cidade por meio de fronteiras físicas e simbólicas que segregam, por meio das grandes avenidas e dos megaempreendimentos nas centralidades urbanas e dos projetos com programas excludentes que perfazem o tônus da cidade neoliberal. A autora Lilian Fessler Vaz (2004, p. 1) usa o termo “culturalização” para reunir diversas práticas que engendram o planejamento urbano que utiliza da cultura como estratégia principal. O *modus operandi* do Planejamento Urbano Culturalizado está na ocupação de áreas degradadas ou vazias, na revitalização de áreas centrais ou periféricas, na reabilitação de ambientes históricos, na construção de equipamentos culturais marcantes e, o principal enfoque deste ensaio: a utilização da arte pública e da animação cultural como estratégia.

O uso da cultura “como instrumento de revitalização urbana faz parte de um processo bem mais vasto de utilização da cultura como instrumento de desenvolvimento econômico” (VAZ, 2004, p. 2) que produzem espaços e significados culturais na cidade (ZUKIN, 2000). Desta forma, os dispositivos acionados e apropriados pelo Planejamento Urbano Culturalizado se circunscrevem em jogos de poder cada vez mais insidiosos, “no limite de uma espécie de funcionalização das liberdades ativadas e suscitadas pelos dispositivos de poder” (TELLES, 2017, p. 17).

O planejamento urbano culturalizado se entrelaça à gentrificação no uso do dispositivo das intervenções artísticas visuais em projetos de transformações urbanas (muitas vezes financiadas por Parcerias Público-Privadas/PPP's) que visam à atração de novos empreendimentos que potencialmente revitalizam os espaços urbanos e, para que este processo aconteça.

Frente a planejadores urbanos que se apropriam de dispositivos culturais para desenhar cidades com espaços cada vez mais excludentes e segregados, como “escapar do que parece ser uma sempre insidiosa e inescapável captura nas relações de poder?” (TELLES, 2017, p. 20). Outra reflexão possível frente a este quiasma urbano é lembrada por Vera Telles (2017) e vem do texto “Vida dos homens infames”, no qual Foucault questiona: “aqui estamos nós como sempre incapazes de ultrapassar a linha, de passar para o outro lado, sempre a mesma escolha, do lado do poder, do que ele diz ou faz dizer” (FOUCAULT, 2003, p. 208).

Respostas possíveis para estes questionamentos emergem das insurgências urbanas, das lutas sociais e das resistências que ocorrem de forma capilarizada nas cidades por meio de protestos, de ocupações e, é claro, por meio de intervenções artísticas urbanas visuais, abordadas neste ensaio como um dispositivo de gentrificação. Se, em termos foucaultianos, “onde tem poder ter resistência” (TELLES, 2017, p. 11), que estejamos atentos para propor vias alternativas às neoliberais excludentes, resistir e questionar os jogos que se desdobram no âmbito da racionalidade do planejamento urbano culturalizado.

Agradecimentos: As autoras agradecem à Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP pela Bolsa Modalidade II no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional.

Referências

- AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? **Outra travessia, Revista de Literatura**, Ilha de Santa Catarina, dossiê “A exceção”, n. 5, p. 9-16, 2. sem. 2005.
- ARANTES, O. B. F. Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas. In: ARANTES, O. B. F.; VAINER, C.; MARICATO, E. **A cidade do pensamento único. Desmanchando consensos**. Petrópolis, Vozes, 2000, p. 11-74.
- BROWN, W. Nas ruínas do neoliberalismo. **Politeia**, São Paulo, 2018.
- FILARDO, P. Pichação (pixo). Histórico (tags), práticas e a paisagem urbana. *Arquitextos*, São Paulo, v. 16, n. 187, **Vitruvius**, dez. 2015.
- FOUCAULT, M. Sobre a história da sexualidade. In: MACHADO, Roberto (Org.). **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. 243-76.
- FOUCAULT, M. **A vida dos homens infames**. Em: *Ditos e Escritos IV*. São Paulo, Forense, 2003, pp. 203-222.
- LEMKE, T. Rearticulando o Conceito de Dispositivo: Combinando STS e Analítica do Governo. **Mediações – Revista de Ciências Sociais**. Londrina, v. 23 n. 1, p. 32-62, jan.-abr. 2018.
- TELLES, V. S. Resistências, sublevações, o ‘rumor das batalhas’. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**. Edição Especial no 2 – 2017 – p. 11-28.
- ULMER, J. B. Writing Urban Space: Street Art, Democracy, and Photographic Cartography. **Cultural Studies - Critical Methodologies**, v. 17, n. 6, 2017, 491–502.
- VAZ, L. F. “A ‘culturalização’ do planejamento e da cidade: novos modelos?”. **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, Salvador, v. 1, 2004, p. 31-42.
- ZUKIN, S. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. In: Arantes, Antonio A. (org.) **O espaço da diferença**. Campinas, Papirus, 2000.